



**The Wall – Pink Floyd – Uma  
Abordagem da Psicologia Clínica**

Jorge Correia Fonte

**Orientador de Dissertação:**  
Professor Doutor Frederico Pereira

**Coordenador de Seminário de Dissertação:**  
Professor Doutor Frederico Pereira

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:  
**MESTRE EM PSICOLOGIA**  
Especialidade em Clínica

2010

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de  
Professor Doutor Frederico Pereira, apresentada no  
ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de  
Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o  
despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em  
Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

*Gostaria de agradecer ao Prof. Doutor Frederico Pereira pela orientação teórica ao longo da realização deste trabalho. Bem como a sua disponibilidade para o tema apresentado.*

*Uma palavra de especial apreço à Cláudia por todo o apoio, moral e motivacional, na elaboração da presente dissertação.*

## RESUMO

Apesar de ter sido um dos mais marcantes produtos da indústria musical o álbum *The Wall* dos Pink Floyd recebeu pouca atenção do meio académico, em particular dos estudiosos da psicologia. Em especial quando a obra tem um forte cariz autobiográfico do seu criador Roger Waters, através da história de Pink, Waters conta a sua. Constituindo assim uma fonte de informação, que de acordo com o conhecimento da psicologia, permite estudar o indivíduo e compreender a sua organização interna e relação com o mundo exterior, possibilitando um novo olhar a uma obra que teve grande impacto a nível artístico e social. Assim apresenta-se uma abordagem à obra que tem como objectivo uma análise ao personagem principal Pink recorrendo ao conhecimento da Psicologia Clínica. Teorias, modelos e conceitos como forma de olhar para um ser humano, enquanto pessoa, e aceder ao seu mundo interno e relação com o mundo externo. Procurando uma melhor compreensão das suas emoções, pensamentos e comportamentos. Colocou-se a questão de se a análise aqui apresentada se deveria estender à pessoa Roger Waters, no entanto o presente trabalho restringe-se somente à personagem Pink. Assinala-se este aspecto pois constitui um ponto de interesse para trabalhos futuros.

**Palavras-chave: *The Wall*, Pink Floyd, Psicologia, Análise.**

## ABSTRACT

In spite of being one of the most remarkable products of the music industry the album *The Wall* from Pink Floyd as received very little scholarly attention, particularly from psychology. Especially when it's a masterpiece which concerns a strong autobiographic countenance from its creator Roger Waters, through Pink's history, Waters tells his one. Thus this masterpiece constitutes a source of information, that allows the study of the individual and the comprehension of his internal organization and relation with the external world, making possible a new look to a masterpiece that achieved great artistic and social impact. In this manner it's presented an approach to *The Wall* that pretends analyze the main character Pink with the psychological background. Its theories, models and concepts as a way of looking the human being, as a person, and achieving his internal world and his relation with the external world. Looking for a better comprehension of the emotions, thoughts and behaviors of the character. A question has been considered, if this analysis should be extended to the person Roger Waters, although this work only confines to the character Pink. This aspect constitutes a point of interest to future works.

**Key-words: Pink Floyd, The Wall, Psychology, Analysis.**

## Índice

1. Introdução	7
2. The Wall	8
2.1 Porquê o The Wall?	8
2.2 The Wall: o álbum – Caracterização	8
3 A obra de arte e a psicologia	10
4 Pesquisa Prévia	11
5 A música e o seu poder	14
6 The Wall – Pink Floyd – Uma Abordagem da Psicologia Clínica	15
7 Considerações	23
8 Referências	24
9 Anexos	26

## 1. Introdução

Este trabalho surge no âmbito da dissertação do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica. A motivação para tal esteve, e continua a estar, no interesse do mestrando em cruzar duas áreas do conhecimento em que realizou estudos: a Psicologia Clínica e a Música.

A escolha da obra foi uma consequência natural do seu valor enquanto objecto musical e o seu conteúdo biográfico, o que permite um olhar sobre uma história de alguém. Sendo assim possível estudar um ser humano, personagem integrante numa obra musical, que para se aceder ao seu mundo é necessário não só ouvir o que diz como também a música que acompanha as suas palavras.

Assim, o objectivo deste trabalho é uma análise ao álbum dos Pink Floyd – The Wall – recorrendo ao conhecimento da Psicologia Clínica. Suas teorias, modelos e conceitos como forma de olhar para um ser humano, enquanto pessoa, e aceder ao seu mundo interno e relação com o mundo externo. Procurando uma melhor compreensão das suas emoções, pensamentos e comportamentos.

Procura-se acompanhar a história, descrevendo os seus passos e detalhes potencialmente importantes à interpretação do sujeito. Entenda-se por isto frases, expressões faciais, ambientes envolventes, sentimentos expressos, atitudes em relação a outras personagens e comportamentos adoptados. Fazendo interpretações compreensivas do manifestado pelo personagem da obra. Recorre-se, por vezes, à letra da música como forma de completar a interpretação. Neste sentido, as letras encontram-se transcritas no Anexo I.

## 2. The Wall

### 2.1 Porquê o The Wall?

A escolha da obra musical e cinematográfica dos Pink Floyd, *The Wall* fundamenta-se em dois pontos. Em primeiro, o potencial que a obra apresenta de ser abordada numa perspectiva psicológica, pelas suas características biográficas e relacionais evidenciadas. Segundo, o facto de ser uma referência no mundo das artes e de toda a projecção que a obra teve, e tem, ao nível cultural e social. Estes dois aspectos levam o mestrando a utilizá-la como objecto de estudo para a sua tese de mestrado.

Numa perspectiva da psicologia sobre esta obra refiram-se dois aspectos, o musical, ou seja a forma como através da música o criador/compositor, Roger Waters, consegue criar a atmosfera que acompanha a história do personagem principal – Pink – sendo inevitável o cariz autobiográfico da obra. Atente-se à forma perspicaz através da qual o artista canta e toca a história, conseguindo transmitir ao ouvinte a sensação de si na junção da mensagem passada pelas palavras (lírica das letras) e a harmonia da música que acompanham essas mesmas palavras. Assim, o cruzamento da música em si e de uma história de vida formam uma obra musical que se considera merecedora de um olhar mais atento por parte da psicologia. Olhar esse que perfeitamente se pode orientar pelos saberes da psicologia, dado de uma pessoa a obra se tratar.

Na perspectiva factual, bastaria referir que foi o álbum mais vendido da década de 70 (Champ, H., 2005). Foi número um nos EUA e número três no Reino Unido, e o single *Another Brick in The Wall – part II* liderou as tabelas de ambos os países, em especial nos EUA durante 15 semanas. Com *The Wall*, a banda originalmente fundada por Syd Barret, recebeu 23 discos de platina, o que faz dele o mais vendido dos anos 70 e o terceiro de todos os tempos (Champ, H., 2005).

### 2.2 *The Wall*: o álbum – Caracterização

O álbum dos Pink Floyd, *The Wall*, foi lançado em Novembro de 1979. Este álbum duplo muitas vezes visto como um trabalho conceptual foi totalmente escrito e

idealizado pelo baixista e vocalista da banda, Roger Waters. Tendo por base a sua história e um forte cariz autobiográfico. Naturalmente os restantes elementos da banda também deram o seu contributo à obra, David Gilmour – guitarra, Richard Wright – teclados e Nick Mason – bateria, aperfeiçoaram a componente musical do álbum. No entanto a base harmónica e toda a lírica já vinham idealizadas por Waters.

Em Julho de 1978 o autor apresenta à banda a demo tape do que seria o álbum que por muitos é considerado como a grande obra da banda e que marca uma viragem no seu percurso e de certa forma o anúncio do seu fim.

Tendo na sua base uma forte contribuição pessoal de Roger Waters, este álbum musical pode ser visto por um lado numa perspectiva autobiográfica. Porém está também carregado de uma componente de crítica social e política.

Neste trabalho pretende-se uma abordagem à obra na sua componente biográfica, isto é, a história que ela, a obra, conta. Contudo restringindo-se à personagem – Pink – do álbum em si e evitando atribuir possíveis interpretações à pessoa real de Roger Waters. Desta forma pretende-se uma análise à obra e não uma análise ao seu criador. Naturalmente, e como já foi referido, o cariz autobiográfico da obra torna esta linha ténue.

Acerca do álbum para uma melhor caracterização física do mesmo refira-se que é composto por duas partes, dois compact disc ou no seu formato original quatro LPs (dois para cada parte). A primeira parte tem 13 faixas e a segunda também 13 faixas, num total de 81 minutos e 16 segundos de música. Durante 1980 e 81 os Pink Floyd levaram o álbum do estúdio para o palco, numa tournée mundial intitulada “Is There Anybody Out There?”. Neste espectáculo idealizado e preparado para grandes palcos tudo foi preparado ao pormenor, desde a qualidade do som, a disposição na sala das colunas, a componente cénica, sequência de imagens nos ecrãs e iluminação, tudo para integrar da melhor forma o espectador na personagem da história e no seu mundo.

Após o seu lançamento em formato áudio, foi adaptado a filme em 1982. Teve a sua estreia no Festival Internacional de Cinema de Cannes, em Julho de 1982. Foi realizado por Alan Parker e tem como actor principal Bob Geldof na personagem de Pink.

### 3. A obra de arte e a psicologia

Que relação se pode estabelecer entre uma obra de arte e a psicologia? Apresentam-se duas perspectivas, a apresentada por Sigmund Freud e a de Melanie Klein, pela sua validade como base para o pensar da referida relação.

No seu texto “Escritores criativos e devaneios”, Freud (1908) questiona a origem do processo criativo. Que fontes o artista tem e de onde retira o material para a sua obra? Para através dela conseguir despertar emoções no leitor, ouvinte ou observador.

Freud compara o processo criativo com o brincar de uma criança, enquanto a criança brinca criando o seu mundo através dos brinquedos e jogos, o artista transforma um sintoma numa obra de arte. Assim a criança pode manipular conteúdos internos, menos tratados pela sua mente e conseqüentemente desorganizados através do brincar, algo que é aceite pelo mundo que o rodeia.

Estabelecendo este paralelismo o artista transforma um sintoma, algo interno seu que será também menos aceite pela sociedade e exterioriza através da obra de arte. A obra de arte funciona como uma expressão funcional directa do seu mundo interno. O que produz a obra de arte será um conflito interno do sujeito, que através da obra de arte, expressa esse mesmo conflito. A obra de arte é provida de um sentido e tal como na interpretação de um sonho, é necessário separar-se os seus conteúdos, o manifesto e o latente. E assim se compreende que a mesma obra de arte, assuma significados tão diversos como as pessoas que a experienciam.

Na perspectiva de Melanie Klein dá-se especial atenção às condições funcionais à elaboração da obra de arte. A elaboração funciona como uma reparação enquanto processo mental. Assim o sujeito restituiu o objecto interno após o lesar na posição esquizo-paranóide. Perante as imagens de objecto fragmentadas surge algo unificado, a obra de arte. Estabelece-se uma relação triangular autor-obra-público.

O processo criativo e conseqüente criação artística pressupõem condições internas para tal. Assim compreende-se o acesso à posição depressiva para reparar os objectos internos lesados, esta lesão do objecto origina uma culpabilidade.

Na obra em estudo nesta dissertação temos este processo bem presente, a história de The Wall reflecte a história de Roger Waters, assumindo um carácter autobiográfico.

Assume-se nesta perspectiva que a produção deste álbum tenha na sua génese o mundo interno de Waters e que tenha encontrado nos seus conflitos internos a energia motriz para se expressar na forma que está acessível a todos. Em música, letras e imagens.

#### 4. Pesquisa Prévia

Da pesquisa efectuada, procurando identificar, trabalhos que visem uma abordagem no paradigma da psicologia ao álbum dos Pink Floyd *The Wall*, não surtiu resultados directos, no concerne a artigos científicos. Alguns autores abordam o tema de outras formas, como será exposto em seguida.

Apesar de não pretender ser um artigo científico, este será um ponto de interesse neste trabalho, apresentar uma nova forma de analisar esta obra musical/cinematográfica.

O livro de Phil Rose (2002) *Which One's Pink?*, é uma análise a vários álbuns dos Pink Floyd, entre eles o *The Wall*. Uma boa parte deste livro é dedicada ao *The Wall*, o autor examina especificamente a obra recorrendo à Teoria das Relações de Objecto. Desta forma procura nomear as relações do sujeito com o mundo exterior, tal como se apresentam nas escolhas de objecto que o personagem da história Pink vai realizando.

Apresenta uma limitação ao nível do investimento feito pelo autor em identificar e explicar a referida teoria, não estabelecendo assim um paralelo com a história do personagem Pink no álbum.

Artigo que poderá servir de base numa pesquisa nesta área será o de Romero, J. e Cabo, L. (2006) intitulado *Roger Waters' Poetry of the Absent Father: British Identity in Pink Floyd's The Wall*. Neste trabalho os autores debruçam-se sobre um álbum que consideram um dos mais marcantes produtos da cultura popular britânica, mas que pouca atenção académica teve. Assim propõem-se a abordar os álbuns *The Wall* e *The Final Cut*, o seu sucessor e considerado uma continuação de *The Wall*, como um retrato do cenário pós-guerra na história britânica. Em plena era de Thatcher abordam as transformações sociais, económicas e políticas desta fase da história.

Esta abordagem realça a uma das vertentes da obra dos Pink Floyd, a histórica. Que está bem patente e evidente na obra, áudio ou cinematográfica. Contudo é importante salientar que no presente trabalho pretende-se uma abordagem à história do personagem principal Pink, tendo por base o paradigma da psicologia clínica.

O texto *Bricks in the Wall: An Interpretation of Pink Floyd's The Wall* de Philip Jenkins (1996), constitui uma abordagem social e política da obra. Cruzando a história de Pink com a de Roger Waters enquanto membro da banda e baixista dos Pink Floyd.

Um trabalho que se evidencia e destaca numa pesquisa livre na Internet é o site [www.thewallanalysis.com](http://www.thewallanalysis.com), de Bret Urick (1997). Trata-se de uma análise música a música de cada obra, uma interpretação pessoal deste cidadão norte-americano que se define como um “admirador” da banda e em especial deste álbum. O autor afirma que decidiu escrever a sua interpretação das músicas, ao verificar o aspecto conceptual do álbum no seu todo.

Esta abordagem tem como aspectos positivos de o facto de ser exaustiva, detalhada e fundamentada com na história de Roger Waters, dos Pink Floyd. Tem em conta o enquadramento sócio económico que envolveu o lançamento do álbum. Naturalmente o facto de ser a única abordagem do tipo disponível, também constitui uma mais valia.

A sua maior limitação é a ausência de um modelo, ou paradigma, científico que sustente a abordagem. Apesar das referências culturais, históricas e musicais que o autor faz, permanece no patamar da interpretação pessoal.

A pesquisa realizada devolveu também alguns resultados de cariz menos analítico e descritivo da obra e/ou banda, como serem motivo de inspiração. Exemplo disso data de quando em 2005 se (re)agruparam enquanto banda para o concerto do Live 8, acontecimento que serviu de mote na nota de edição do *International Journal of Mental Health Nursing*, Vol. 14, N.º 221. Onde a editora Brenda Happell sublinha a importância de no dia a dia se colocar os interesses pessoais de parte em favorecimento de um bem colectivo. Um pouco o que poderá ter acontecido com os membros da banda após vários anos de separação e que se juntaram para participarem num concerto de apoio a causas sociais.

## 5. A música e o seu poder

Pretende-se estabelecer aqui uma breve nota acerca da perspectiva apresentada por Daniel Barenboim (2009) no seu livro “Está Tudo Ligado – O Poder da Música”.

Refere o autor acerca da versatilidade da música enquanto meio de expressão do ser humano. O pensamento toma forma e organiza-se em palavras, contudo é bem mais complexo do que as palavras que, por exemplo, estão escritas nesta folha. Aqui surge a música como veículo de ideias, emoções e um vasto leque de associações.

A música pode assumir diversas formas e ritmos, com o ritmo certo consegue-se transmitir ao ouvinte sensações de medo, alegria, cólera ou surpresa. Algo somente comparável com certos sons presentes na natureza.

É também possível atribuir-lhe cores e tem-se assim um som luminoso ou mais obscuro. Ou mesmo evocar acontecimentos e episódios de vida e desta forma recriar o ambiente que foi experienciado em determinada altura da história do sujeito.

Estes atributos e outros que a música contém em si fazem desta expressão de arte uma forma única de pintar uma história e tudo o que a compõem.

Na obra que aqui se apresenta, *The Wall*, esta capacidade da música é fundamental na transmissão exacta, fiel e completa da história de vida do personagem Pink. As melodias e composições harmónicas que acompanham as letras das músicas, acrescentam ao conteúdo lírico algo que dificilmente se conseguiria atingir recorrendo somente às palavras.

## 6. The Wall – Pink Floyd – Uma Abordagem da Psicologia Clínica

O álbum *The Wall – O Muro* – realmente fala de um muro. Não um muro de pedra e cimento como o muro de Berlim, mas sim um muro construído pela pessoa que a separa da realidade. Um muro que cliva o sujeito do mundo que o rodeia provocando um isolamento dentro de si mesmo.

É uma obra sobre a alienação, a incomunicabilidade a todos os níveis do sujeito. Escola, família, amor e rock. Os tijolos que o individuo coloca na parede que o rodeia e separa dos outros (Colectivo Rock On, 1988). O muro simboliza a reclusão do indivíduo, uma reclusão que tem tanto de proteccionista como de opressivo. Algo que protege mas que é preciso destruir.

Nesta obra a pessoa em questão é Pink, uma estrela de rock. A história acompanha o seu percurso. Desde a sua infância, passando pela escola até à sua vida de estrela de rock, rodeado de pessoas e consumos. Para então se encontrar fechado no seu muro e renascer de uma forma maníaca, agressiva e autoritária.

Esta história começa num quarto de hotel em que Pink está alojado, ou talvez seja mais correcto dizer trancado, no quarto e em si mesmo. Algures em Los Angeles o artista das multidões está abandonado ao vazio que o muro que o rodeia lhe garante. Muitos concertos, muita droga e demasiados aplausos. O olhar perdido, a completa abstracção de tudo o que o rodeia. O detalhe do cigarro que queima na mão e não é fumado, o olhar perdido na televisão que dá tudo e não dá nada.

Enquanto isto a empregada de limpeza tenta entrar no quarto para o limpar. Bate à porta, uma e outra vez, insiste com a chave mas a porta está no trinco. Na sequência de imagens que automaticamente vê na televisão eis que surge um filme de guerra, cena familiar a evocar a morte do seu pai. A insistência da empregada a querer entrar, a guerra que matou e levou o pai dir-se-ia que provocam uma emergência de material psíquico, desorganizado. São memórias de Pink, acontecimentos marcantes, feridas narcísicas. Em suma os tijolos que construirão o muro.

Nesta fase da obra deparamo-nos com uma sucessão de analepses, em que Pink vai visitar momentos da sua história, os tais tijolos do seu muro, que o marcaram e levaram ao seu estado actual.

O primeiro momento será a morte do pai e conseqüentemente uma infância sem pai, só com a mãe. A criança que cresce sem a presença do pai procurando referências masculinas alternativas, mas encontrando sempre a rejeição no outro.

O pai que atravessou o oceano e somente deixou a sua memória. São palavras de Pink referindo-se ao facto do pai ter morrido na II Guerra Mundial. Será este o primeiro tijolo no muro de Pink, à questão “Daddy what else did you leave me?” a resposta é “All in all it was just a brick in the wall.”

Este menino que quer ser homem, qual angústia de castração, procura nos símbolos a presença do pai. A busca nos items do pai, a farda, o chapéu e as divisas, tudo em paralelo, o que o pai foi é tido em conta como um modelo pela criança. O recorrer à farda como uma segunda pele que protege e confere segurança a um ego frágil e pouco coeso. A farda do pai será um objecto em que o sujeito investe o seu amor pela figura paterna.

Neste ponto pode-se considerar aqui uma idealização relativamente ao pai por parte da criança, atribuindo ao pai a figura de militar heroicamente morto na guerra. Esta construção de um pai herói, este pai interno, através da sua idealização enquanto objecto amado, por parte da criança fará necessariamente parte da constituição, para o indivíduo, das suas instâncias ideais. Numa outra perspectiva, como refere Melanie Klein, esta idealização do objecto seria essencialmente uma defesa contra as pulsões destrutivas, neste caso a angústia da ausência da figura paterna.

A figura materna está presente na infância de Pink. É ela a figura que o acompanha no seu crescimento, é ela o seu objecto de amor, o seu fundo de segurança. Será abordada posteriormente.

Eis senão que se está numa sala de aula. Alunos bem sentados, bem vestidos, meninas e meninos, todos iguais. O professor, figura autoritária, o poder instituído, a materialização de um superego implacável.

Pink, está na aula, alheio ao que está a ser leccionado, está mergulhado no seu mundo, nas suas poesias. Será mesmo esta uma imagem do isolamento deste indivíduo? Desde cedo concentrado sobre si mesmo, absorvendo o mundo e devolvendo um resultado seu. Em plena aula o professor confisca-lhe os poemas, e lê-os para toda a turma, expondo-o, humilhando-o, culpando-o de “querer ser um poeta”. Em suma anulando a sua individualidade enquanto personalidade indivisível, que é capaz de ver o

mundo à sua maneira e de o devolver com o seu cunho. Capaz de pensar, reflectir e escolher.

Após a humilhação e repreensão verbal o castigo físico, reguadas nas mãos. O jovem vê-lhe barrada e condenada a sua forma de se expressar, em detrimento de uma expressão colectiva, igual entre si, repetitiva e ordeiramente disposta. Previamente pensada e controlada.

Será este o segundo tijolo no muro de Pink, a escola, a educação, em suma uma sociedade castradora da individualidade de cada um. Na versão da obra em filme vemos alunos, sem cara, sem personalidade a marcharem em direcção a um moinho de carne. Que os tritura e os transforma a todos na “mesma coisa”. Finda-se este capítulo da história com uma revolta estudantil. Contudo o personagem, Pink, estará à parte deste movimento.

Temos aqui um indivíduo a quem o mundo que o rodeia disse que não à sua individualidade. Uma pessoa alienada perante os valores sociais, onde a sua forma de estar enquanto indivíduo não pôde existir.

A figura da mãe é evocada nesta fase da história, com a música “Mother”. Esta música é um dueto de vozes, uma masculina, a de Pink e uma feminina, a da mãe. Neste dueto sucedem-se uma série de questões de Pink à mãe.

Tais como onde irá cair a bomba? Tema comum na época e que matou o seu pai na guerra. Se deverá confiar no governo? Esta pergunta pode ter um sentido mais alargado, confiar na sociedade que o rodeia, no mundo, no outro. E se deve construir o muro? O filho questiona a mãe se ela o protege, se ele será capaz de se proteger, conter ou se terá de construir um muro, de certa forma impondo um limite físico ao seu eu e aos seus núcleos mais desorganizados. Questões, dúvidas ou simplesmente necessidade de se sentir seguro, de um indivíduo no início da adolescência. Antes de entrar na fase da sua vida em que se individualizará e se assumirá como um ser uno e indivisível.

As respostas são contraditórias chegando ao enigmático. Mostram uma mãe hiperprotectora, alimentadora mas pouco segura. Incapaz de transmitir ao seu filho a tranquilidade e calma necessárias para funcionar como fonte de segurança e contenção. Incapaz de cuidar de si, projecta no filho os seu medos e inseguranças. Sendo hiperprotectora vai decididamente limitar a descoberta do mundo exterior ao filho, estabelecendo uma relação anaclítica e conseqüentemente castradora na exploração do mundo exterior.

Seguindo o dueto, Pink pergunta à mãe acerca das outras mulheres, as namoradas ou esposas. Se serão boas o suficiente, perigosas ou se o deixarão? Questões reveladoras de uma dificuldade de se tornar independente, de cortar com o cordão umbilical e conseguir estabelecer uma relação de intimidade com outra mulher.

Mais uma vez as respostas vão na direcção da protecção, do verificar e experimentar o mundo e o outro pelo indivíduo. Não o deixando viver e aprender com as experiências, promovendo uma relação que assegura à mãe que o seu bebé estará sempre ali. Limitando a pessoa no seu desenvolvimento mas assegurando que precisará de si e retirando daí algo naturalmente benéfico para o seu equilíbrio mental.

Esta música é particularmente interessante nesta obra e fundamental na caracterização da personagem Pink. A relação que tem com a mãe e a forma como o molda em futuras relações, em especial as de dependência. Serão exemplos disso, as suas namoradas e as drogas.

Temos então um Pink jovem adulto, estrela de rock bem sucedida. O mundo que o rodeia é preenchido, vivo e repleto de acção. Na sua solidão, o contacto com o seu mundo interior, os seus fantasmas. No meio entre estes dois mundos de Pink, temos o muro, construído desde a infância.

Dir-se-ia que todo o mundo que rodeia, inclusive a escolha da carreira de músico, bem sucedida por sinal, oculta preenchendo um vazio interior. Segura um ego pouco coeso e dá expressão a uma zanga, ou talvez, raiva contida internamente e materializada em comportamentos auto-destrutivos e agressivos para com o outro e mundo exterior. Os consumos, as *grupies*, os concertos repletos de público são a antítese de uma pessoa só e em progressivo isolamento sobre si mesmo.

Temos aqui o terceiro e derradeiro tijolo no muro de Pink, o nosso indivíduo em análise. As drogas, o rock e as relações de circunstância. Colocam Pink numa situação de clausura, promovendo o seu isolamento e exclusão do mundo que o rodeia.

O muro em si é neste caso, uma parte do sujeito. É uma construção sua. Com material proveniente do exterior e uma forma de o tratar interna, moldada por uma personalidade com traços esquizóides e anti-sociais.

Após o fecho do muro, que funciona como cerco, o isolamento. Confirmado e realizado após mais uma tentativa de contacto que com a sua antiga namorada, onde de novo encontra a rejeição, a queda na solidão. Como diz a letra “Day after day, love turns grey”, será bem ilustrativo da forma como o personagem percebe a sua vida, numa total ausência de perspectivas futuras e alternativas.

Após este episódio e acompanhado de mais uma amiga de circunstância, um acesso de loucura. Esta cena reflecte o total isolamento em que Pink se encontra. No seu luxuoso apartamento a rapariga passeia pela casa e maravilha-se com a luxúria e a ostentação material que o sucesso na música conferiu. Perante a televisão, uma cena já vista. Olhar perdido e inexpressivo, absolutamente alheio de tudo o que o rodeia, a rapariga procura comunicar com ele, falar, chama-o. Resultado, um surto de agressividade, que destrói todo o apartamento. A desorganização interna do indivíduo é expressada na forma de destruição e conseqüente desorganização do mundo exterior. O não investimento, e mesmo a destruição, do mundo que o rodeia reflectem a angústia interna experienciada pelo sujeito.

Assim termina a primeira parte desta obra, com a música “Goodbye cruel world” em jeito de despedida Pink está isolado do mundo e não precisa de nada e de ninguém.

A segunda parte desta história inicia-se com um apelo. Pink fechado no seu mundo, rodeado pelo seu muro chama pelo outro, por alguém, seja quem for. A necessidade de alguém que o sinta, de alguém que lhe toque, para que através do toque o possam e ele se possa também sentir. Percepcionar o mundo através do toque, quando os outros sentidos não são suficientes para levar até ao sujeito o mundo que o rodeia. E por último um pedido de ajuda, pois o muro é muito alto, como diz o Pink ao outro: “As you can see”.

Neste momento de solidão e isolamento o indivíduo deixa de ter contacto com o mundo exterior e passa a estar dentro, e somente dentro, do muro. O isolamento levado a tal ponto que o indivíduo, “passa” para o lado de lá. Lança a questão “Is there anybody outthere?”, dando a ideia de um afastamento tal, que já não tem noção do que o rodeia ou se alguém o rodeia.

Perto da loucura vemos Pink a dispor os restos dos objectos que estavam e compunham o seu quarto de hotel antes dele os destruir. Uma disposição simétrica,

ordenada, em busca duma perfeição que organize. Um comportamento obsessivo na busca de controlo, controlar o mundo exterior para poder organizar o mundo interior, será o que a mente de Pink procura.

Este seu organizar e arrumar do mundo exterior estende-se à sua imagem corporal. A necessidade de controlar o que vê em seu redor e também a imagem que vê no espelho, a sua. Para tal com uma lâmina, rapa todos os pêlos do peito e da cara, sobrancelhas. Dando a ideia de limpeza, uma face limpa que esconde uma mente desorganizada. Uma cara e um corpo sem nada, para além da pele, o último (ou primeiro) elemento contentor.

Após estes actos desesperados de organizar-se a si através da manipulação do mundo que o rodeia, Pink cai. Corpo e mente como que desligam e ficam à mercê. É encontrado no quarto de hotel, inconsciente, inanimado. Efeito das substâncias consumidas? Resultado do esgotamento a que a sua mente foi levada derivado da angústia constante? Causas internas e externas, em congregação para levar o indivíduo a bem perto do fim.

O estado latente em que Pink se encontra é de certa forma confortável, repousante e até protector. O próprio o refere na música “Comfortably Numb”, o mesmo que é dizer um entorpecimento, um adormecimento confortável. O indivíduo sem capacidade de resposta, de se organizar e promover o seu bem-estar psíquico, sublima-se no seu ser e aguarda que cuidem dele.

Assistido por médicos e pelo seu manager, preocupado com o facto de o espectáculo ter de prosseguir, Pink renasce. Um renascimento maníaco e onnipotente. Já no carro que o transporta para o concerto agendado para essa noite, dá-se uma metamorfose. Bem ao estilo de Kafka, Pink desperta sendo algo diferente. Não um insecto como na obra do referido autor, mas autoritário, seguro e prepotente, um líder ao estilo fascista. Note-se aqui o sentido político e social que esta alusão terá, a ter em conta numa diferente análise à obra.

Duma pessoa tolerante, libertina, que vive na busca do prazer imediato, renasce um ser intolerante, opressor e preocupado em controlar tudo e todos os que o rodeiam, se necessário recorrendo à violência.

Como se este acto de renascimento funcionasse como um acto de exteriorização, em que o sujeito se desdobra, criando uma clivagem entre o eu e uma projecção da imagem idealizada de si. O Pink sem dúvidas, sem medos, sem sentir a falta dos outros como o antigo Pink sentia, em especial na falta em relação à mãe, ao pai e à exmulher.

Esta explosão do eu rebenta com o muro que o rodeia, permitindo a ascensão de um indivíduo que é a antítese do original e que o percurso de vida destruiu e reduziu ao nada. Este será um falso self de Pink, uma espécie de carapaça do seu self, construída ao atingir o limiar. Tendo por base a depressão, o sujeito constrói uma figura oposta e exercendo sobre o outro o que era exercido sobre si próprio, há uma elevação das características negativas dos outros nele. Pink inverte os papéis na relação com o outro e o mundo exterior

Usando uma farda numa sala repleta de símbolos, Pink canta em estilo de discurso para a plateia cheia. E começa por dizer que Pink não se sentia bem e ficou no hotel, relegando para trás um homem com sentimentos e que por isso não sobreviveu.

De salientar a necessidade de recorrer à farda e aos símbolos. Elementos exteriores que sustentam uma necessidade de se afirmar contra um mundo exterior e que exteriorizam a raiva interna, transformada de uma forma perversa em agressividade e controlo sobre o outro. Adoptando este comportamento Pink constrói uma barreira à psicose e à sua desorganização interna.

Este controlo sobre o mundo exterior estende-se para lá do concerto. O tema “Run like hell” traduz a acção que esta figura autoritária desenvolve sobre o mundo, espalhando a desordem, o caos e o medo. Uma fúria controlada, que terá na sua base os verdadeiros medos de Pink. A raiva, a fúria e o ódio funcionam aqui como elementos organizadores, apesar da desordem aparente permitem ao indivíduo uma canalização da sua energia psíquica, promovendo uma organização das pulsões.

De repente um apelo de Pink, “Stop!”. Pedindo que tudo pare, para regressar a casa e retirar o uniforme. Despir-se de tudo e regressar à origem. Quase numa perspectiva regressiva, voltar à posição fetal e aí, estar de novo protegido do mundo que o rodeia. O muro aqui funciona como protecção, a última protecção, que separa o indivíduo do mundo. A mente incapaz de conter esta pessoa recorre à fantasia do muro para se conter e defender das relações exteriores.

A história entra no mundo do mágico, na versão cinematográfica é através da animação que se ilustram estes acontecimentos. Após toda esta ascensão maníaca e onnipotente, a culpa. Perante quem? Perante o próprio, a mãe, pai e mulher, as figuras nucleares de Pink.

Pink é agora um boneco, uma marioneta e está em tribunal. O juiz é a caricatura do superego, testemunhas são chamadas. A mãe, gorda, protectora e sempre alimentadora. A esposa, mulher de fogo, devoradora de homens, neste caso “devoradora” enquanto detentora de uma parte do eu de Pink. Resultado de uma relação em que não há diferenciação do indivíduo, e que quando acaba a relação uma parte da pessoa fica no outro. Por último, o professor, acusador e autoritário, afirmando que o podia ter moldado.

Perante estas figuras e os factos apresentados, o juiz considera Pink culpado do que é acusado, de mostrar sentimentos (!). Assim, como Pink é culpado de ter mostrado os seus mais profundos sentimentos é-lhe aplicada a sentença máxima, ser exposto perante os seus pares e assim o juiz ordena que o muro venha abaixo.

Naturalmente esta metáfora do julgamento remete para considerações internas do indivíduo. A forma como lida com os seus sentimentos, os comportamentos que tem e a culpa daí resultante.

É visível que a história de Pink o leva ao isolamento, em última instância não já rodeado pelo muro que o próprio construiu. Mas sem relações que justifiquem uma situação de não solidão.

## 6. Considerações

Pretendeu-se com este trabalho explicar um olhar, uma interpretação sobre uma personagem de uma história ficcionada. O cruzamento entre a psicologia e a arte sob a forma de uma análise a um individuo que é figura central numa obra musical e cinematográfica.

Com isto utilizar o conhecimento da psicologia para ver e ouvir uma peça artística e não para compreender a sua criação e o que está na sua génese. Ao invés de olhar de fora para a obra, entrar na obra e compreender, neste caso o personagem Pink, como se de um paciente de tratasse.

Esta abordagem apresenta algumas limitações, nomeadamente a subjectividade que lhe é inata. Apesar da tentativa de um olhar objectivo e concreto sobre a pessoa Pink, não deixa de existir uma interpretação da parte do mestrando. A própria música terá o seu efeito na concretização de compreensões acerca da pessoa. Contudo procurou-se manter uma linha de análise centrada no sujeito e acima de tudo aplicar um olhar novo à obra.

Outra limitação a salientar será a barreira linguística. Quando se analisa um indivíduo recorrendo ao bisturi da palavra para o dissecar a linguagem assume capital importância, neste caso a obra é escrita em inglês o que apesar dos esforços empreendidos de tradução e interpretação não deixa de constituir uma limitação.

Seria importante lançar para futuros trabalhos a possibilidade de ir mais além. No sentido de analisar não só a personagem da obra mas também o seu criador. Naturalmente num cenário destes levantar-se-ão questões éticas, pois aqui sai-se da esfera ficcional e passa-se para o real. Pink é uma personagem, Roger Waters é uma pessoa. No entanto, considera-se que este seria um ponto de interesse e uma mais valia, bem como uma forma de mais uma vês cruzar psicologia e arte.

## 7. Referências

- Barenboim, D. (2009). *Está Tudo Ligado – O poder da música*. Lisboa: Editorial Bizâncio
- Happel, B (2005). Pink Floyd: Fond memory or contemporary role model?. *International Journal of Mental Health Nursing*, 14, 221.
- Edwards, J. (2005). Before the threshold: destruction, reparation and creativity in relation to the depressive position. *Journal Of Child Psychotherapy*, 31 (3), 317-334
- Etchegoyen, R. (1999). *The Fundamentals Of Psychoanalytic Technique*. London: Karnac Books
- Freud, S. (1908). *Escritores Criativos e Devaneios*. Standard Edition.
- Freud, S. (2000). *Textos Essenciais da Psicanálise. Volume II e III*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Jenkins, P. (1996). *Bricks in the Wall: An Interpretation of Pink Floyd's The Wall*. Ernst Schürer, Manfred Keune and Philip Jenkins, Eds. The Berlin Wall. New York: Peter Lang.
- Kafka, F. (1996). *A Metamorfose*. Lisboa: Editorial Presença (5ª Edição)
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (1967). *Vocabulário da Psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores
- Nick, C. (1982). *Pink Floyd – Colectivo Rock On*. Coimbra: Fora de Texto. 90-91.
- Romero J. & Cabo, L. (2006). Roger Waters' Poetry of the Absent Father: British Identity in Pink Floyd's The Wall. *Atlantis*, 28.2, 45–58
- Rotcage, L. (1980). *Pink Floyd – Colectivo Rock On*. Coimbra: Fora de Texto. 83-89
- Rose, P. (2002). *Which One's Pink? An Analysis of the Concept Albums of Roger Waters and Pink Floyd*. Burlington, Ontario: Collector's Guide Publishing.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1997). *Dicionário de Psicanálise*. Mem Martins: Editorial Inquérito.
- Segal, H. (1975). *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago.
- Stack, S. (2000). Blues fans and suicide acceptability. *Death Studies*, 24, 223-231. Consultado em 14 de Outubro de 2008, através de <http://web.ebscohost.com>

Sites consultados

Urlick, Bret 1997-2002: Pink Floyd: The Wall: A Complete Analysis. On line at <http://www.thewallanalysis.com/>

On line: [http:// www.pink-floyd-lyrics.com/html/the-wall-lyrics.html](http://www.pink-floyd-lyrics.com/html/the-wall-lyrics.html) consultado em 10/07/2010

DVD consultado

Waters, R, Scarfe, G. & Parker, A. (1982). *Pink Floyd – The Wall*. Emi Records

Anexo I – Pink Floyd – The Wall – Letras

## **The Wall**

Produced by David Gilmour, Bob Ezrin, and Roger Waters

Released November 30, 1979

Recorded in Super Bear Studios between April and November 1979 Sleeve Design by  
Gerald Scarfe and Roger Waters

Consultado a 10/07/2010 no site <http://www.pink-floyd-lyrics.com/html/the-wall-lyrics.html>

### **In the Flesh? (Waters) 3:17**

"....we came in?"

So ya  
Thought ya  
Might like to go to the show.  
To feel the warm thrill of confusion  
That space cadet glow.  
Tell me is something eluding you, sunshine?  
Is this not what you expected to see?  
If you wanna find out what's behind these cold eyes  
You'll just have to claw your way through this disguise.

"Lights! Turn on the sound effects! Action!"  
"Drop it, drop it on 'em! Drop it on them!!!!!"

### **The Thin Ice (Waters) 2:28**

Momma loves her baby  
And daddy loves you too.  
And the sea may look warm to you babe  
And the sky may look blue  
But ooooh Baby  
Ooooh baby blue  
Ooooooh babe.

If you should go skating  
On the thin ice of modern life  
Dragging behind you the silent reproach  
Of a million tear-stained eyes  
Don't be surprised when a crack in the ice  
Appears under your feet.  
You slip out of your depth and out of your mind  
With your fear flowing out behind you  
As you claw the thin ice.

### **Another Brick in the Wall Part 1 (Waters) 3:41**

Daddy's flown across the ocean  
Leaving just a memory

Snapshot in the family album  
Daddy what else did you leave for me?  
Daddy, what'd'ja leave behind for me?!?  
All in all it was just a brick in the wall.  
All in all it was all just bricks in the wall.

"You! Yes, you! Stand still laddy!"

### **The Happiest Days of our Lives (Waters) 1:20**

When we grew up and went to school  
There were certain teachers who would  
Hurt the children in any way they could

"OOF!" [someone being hit]

By pouring their derision  
Upon anything we did  
And exposing every weakness  
However carefully hidden by the kids  
But in the town, it was well known  
When they got home at night, their fat and  
Psychopathic wives would thrash them  
Within inches of their lives.

### **Another Brick in the Wall Part 2 (Waters) 3:56**

We don't need no education  
We dont need no thought control  
No dark sarcasm in the classroom  
Teachers leave them kids alone  
Hey! Teachers! Leave them kids alone!  
All in all it's just another brick in the wall.  
All in all you're just another brick in the wall.

We don't need no education  
We dont need no thought control  
No dark sarcasm in the classroom  
Teachers leave them kids alone  
Hey! Teachers! Leave them kids alone!  
All in all it's just another brick in the wall.  
All in all you're just another brick in the wall.

"Wrong, Do it again!"

"If you don't eat yer meat, you can't have any pudding. How can you  
have any pudding if you don't eat yer meat?"

"You! Yes, you behind the bikesheds, stand still laddy!"

**Mother (Waters) 5:32**

Mother do you think they'll drop the bomb?  
Mother do you think they'll like this song?  
Mother do you think they'll try to break my balls?  
Mother should I build the wall?  
Mother should I run for president?  
Mother should I trust the government?  
Mother will they put me in the firing line?  
Mother am I really dying?

Hush now baby, baby, dont you cry.  
Mother's gonna make all your nightmares come true.  
Mother's gonna put all her fears into you.  
Mother's gonna keep you right here under her wing.  
She wont let you fly, but she might let you sing.  
Mama will keep baby cozy and warm.  
Ooooh baby ooooh baby ooooooh baby,  
Of course mama'll help to build the wall.

Mother do you think she's good enough -- to me?  
Mother do you think she's dangerous -- to me?  
Mother will she tear your little boy apart?  
Mother will she break my heart?

Hush now baby, baby dont you cry.  
Mama's gonna check out all your girlfriends for you.

Mama wont let anyone dirty get through.  
Mama's gonna wait up until you get in.  
Mama will always find out where you've been.  
Mama's gonna keep baby healthy and clean.  
Ooooh baby oooh baby oooh baby,  
You'll always be baby to me.

Mother, did it need to be so high?

### **Goodbye Blue Sky (Waters) 2:48**

"Look mummy, there's an aeroplane up in the sky"

Did you see the frightened ones?  
Did you hear the falling bombs?  
Did you ever wonder why we had to run for shelter when the  
promise of a brave new world unfurled beneath a clear blue  
sky?

Did you see the frightened ones?  
Did you hear the falling bombs?  
The flames are all gone, but the pain lingers on.

Goodbye, blue sky  
Goodbye, blue sky.  
Goodbye.  
Goodbye.  
Goodbye.

"The 11:15 from Newcastle is now approaching"  
"The 11:18 arrival..."

### **Empty Spaces (Waters) 5:36**

[backwards message:]  
"Congratulations, You have just discovered the secret message.  
Please send your answer to 'Old Pink',  
Care of the funny farm, Chalfont..." - Spoken By Roger  
[...interrupted...]  
"Roger, Caroline's on the phone..." - Unknown Voice

What shall we use  
To fill the empty spaces  
Where we used to talk?  
How shall I fill  
The final places?  
How should I complete the wall

### **Young Lust (Gilmour, Waters) 2:03**

I am just a new boy,  
Stranger in this town.  
Where are all the good times?  
Who's gonna show this stranger around?  
Ooooh, I need a dirty woman.  
Ooooh, I need a dirty girl.

Will some cold woman in this desert land  
Make me feel like a real man?  
Take this rock and roll refugee  
Oooh, baby set me free.

Ooooh, I need a dirty woman.  
Ooooh, I need a dirty girl.

[Phone rings..Clink of receiver being lifted]

"Hello..?"

"Yes, a collect call for Mrs. Floyd from Mr. Floyd.

Will you accept the charges from United States?"

[clunk! of phone being put down]

"Oh, He hung up! That's your residence, right? I wonder why he hung up?

Is there supposed to be someone else there besides your wife there to answer?"

[Phone rings again...clunk of receiver being picked up]

"Hello?"

"This is United States calling, are we reaching...

[interrupted by phone being put down]

"See he keeps hanging up, and it's a man answering."

[whirr of connection being closed]

### **One of My Turns (Waters) 1:33**

"Oh my God! What a fabulous room! Are all these your guitars?"

[Film in background: "I'm sorry sir, I didn't mean to startle you!"]

"This place is bigger than our apartment!"

[Film: "Let me know when you're entering a room"]

"Yes sir!"

"erm, Can I get a drink of water?"

[Film: "I was wondering about ..."]

"You want some, huh?"

[Film: "Yes"]

"Oh wow, look at this tub? Do you wanna take baaaath?"

[Film: "I'll have to find out from Mrs. Bancroft what time she wants to meet us, for her main ..."]

"What are watching?"

[Film: "If you'll just let me know as soon as you can ... Mrs Bancroft" "Mrs Bancroft ..."]

"Hello?"

[Film: "I don't understand ..."]

"Are you feeling okay?..."

Day after day, love turns grey  
Like the skin of a dying man.

Night after night, we pretend its all right  
But I have grown older and  
You have grown colder and  
Nothing is very much fun any more.  
And I can feel one of my turns coming on.  
I feel cold as a razor blade,  
Tight as a tourniquet,  
Dry as a funeral drum.

Run to the bedroom,  
In the suitcase on the left  
You'll find my favorite axe.  
Don't look so frightened  
This is just a passing phase,  
One of my bad days.  
Would you like to watch T.V.?  
Or get between the sheets?  
Or contemplate the silent freeway?  
Would you like something to eat?  
Would you like to learn to fly?  
Would'ya?  
Would you like to see me try?

Would you like to call the cops?  
Do you think it's time I stopped?  
Why are you running away?

#### **Don't Leave Me Now (Waters) 4:22**

Ooooh, babe  
Don't leave me now.  
Don't say it's the end of the road.  
Remember the flowers I sent.  
I need you, babe  
To put through the shredder  
In front of my friends  
Ooooh Babe.  
Dont leave me now.  
How could you go?

When you know how I need you  
To beat to a pulp on a Saturday night  
Ooooh Babe.  
How could you treat me this way?  
Running away.  
I need you, Babe.  
Why are you running away?  
Ooooooh Babe!

### **Another Brick in the Wall Part 3 (Waters) 1:17**

[Sound of many TV's coming on, all on different channels]  
"The Bulls are already out there"  
Pink: "Aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaarrrrrgh!"  
"This Roman Meal bakery thought you'd like to know."

I don't need no arms around me  
And I dont need no drugs to calm me.  
I have seen the writing on the wall.  
Don't think I need anything at all.  
No! Don't think I'll need anything at all.  
All in all it was all just bricks in the wall.  
All in all you were all just bricks in the wall

### **Goodbye Cruel World (Waters) 1:05**

Goodbye cruel world,  
I'm leaving you today.  
Goodbye,  
Goodbye,  
Goodbye.

Goodbye, all you people,  
There's nothing you can say  
To make me change my mind.  
Goodbye.

### **Hey You (Waters) 4:39**

Hey you, out there in the cold  
Getting lonely, getting old  
Can you feel me?  
Hey you, standing in the aisles  
With itchy feet and fading smiles  
Can you feel me?  
Hey you, dont help them to bury the light  
Don't give in without a fight.

Hey you, out there on your own  
Sitting naked by the phone  
Would you touch me?  
Hey you, with you ear against the wall  
Waiting for someone to call out  
Would you touch me?  
Hey you, would you help me to carry the stone?  
Open your heart, I'm coming home.

But it was only fantasy.  
The wall was too high,  
As you can see.  
No matter how he tried,  
He could not break free.  
And the worms ate into his brain.

Hey you, standing in the road  
always doing what you're told,  
Can you help me?  
Hey you, out there beyond the wall,  
Breaking bottles in the hall,  
Can you help me?  
Hey you, don't tell me there's no hope at all  
Together we stand, divided we fall.

[Click of TV being turned on]

"Well, only got an hour of daylight left. Better get started"

"Isn't it unsafe to travel at night?"

"It'll be a lot less safe to stay here. You're father's gonna pick up our trail before long"

"Can Loca ride?"

"Yeah, I can ride... Magaret, time to go! Maigret, thank you for everything"

"Goodbye Chenga"

"Goodbye miss ..."

"I'll be back"

### **Is There Anybody Out There? (Waters) 2:40**

Is there anybody out there?

Is there anybody out there?

Is there anybody out there?

Is there anybody out there

### **Nobody Home (Waters) 3:25**

"Alright, I'll take care of them part of the time, but there's somebody else that needs taking care of in Washington"

"Who's that?"

"Rose Pilchitt!"

"Rose Pilchitt? Who's that?"

[Kid screams in background. foreground: "Shut Up!"]

"36-24-36 [laughter] does that answer your question?"

[foreground: "Oi! I've got a little black book with me poems in!"]

"Who's she?"

"She was 'Miss Armoured Division' in 1961 ... "

I've got a little black book with my poems in.

Got a bag with a toothbrush and a comb in.

When I'm a good dog, they sometimes throw me a bone in.

I got elastic bands keepin my shoes on.

Got those swollen hand blues.

Got thirteen channels of shit on the T.V. to choose from.

I've got electric light.

And I've got second sight.

And amazing powers of observation.

And that is how I know

When I try to get through

On the telephone to you

There'll be nobody home.

I've got the obligatory Hendrix perm.

And the inevitable pinhole burns

All down the front of my favorite satin shirt.

I've got nicotine stains on my fingers.

I've got a silver spoon on a chain.

I've got a grand piano to prop up my mortal remains.

I've got wild staring eyes.

And I've got a strong urge to fly.

But I got nowhere to fly to.

Ooooh, Babe when I pick up the phone

"Surprise, surprise, surprise..." (from Gomer Pyle show)

There's still nobody home.

I've got a pair of Gohills boots  
and I got fading roots.

"Where the hell are you?"

"Over 47 german planes were destroyed with the loss of only 15 of our own aircraft"

"Where the hell are you Simon?"

[Machine gun sound, followed by plane crashing]

### **Vera (Waters) 1:38**

Does anybody here remember Vera Lynn?

Remember how she said that

We would meet again

Some sunny day?

Vera! Vera!

What has become of you?

Does anybody else here

Feel the way I do?

### **Bring the Boys Back Home (Waters) :50**

Bring the boys back home.

Bring the boys back home.

Don't leave the children on their own, no, no.

Bring the boys back home.

"Wrong! Do it again!"

"Time to go! [knock, knock, knock, knock]

"Are you feeling okay?"

"There's a man answering, but he keeps hanging up!"

Is there anybody out there?

### **Comfortably Numb (Gilmour, Waters) 6:49**

Hello?  
Is there anybody in there?  
Just nod if you can hear me.  
Is there anyone at home?  
Come on, now,  
I hear you're feeling down.  
Well I can ease your pain  
Get you on your feet again.  
Relax.  
I'll need some information first.  
Just the basic facts.  
Can you show me where it hurts?

There is no pain you are receding  
A distant ship, smoke on the horizon.  
You are only coming through in waves.  
Your lips move but I can't hear what you're saying.  
When I was a child I had a fever  
My hands felt just like two balloons.  
Now I've got that feeling once again  
I can't explain you would not understand  
This is not how I am.  
I have become comfortably numb.

O.K.  
Just a little pinprick.  
There'll be no more aaaaaaaah!  
But you may feel a little sick.  
Can you stand up?  
I do believe it's working, good.  
That'll keep you going through the show  
Come on it's time to go.

There is no pain you are receding  
A distant ship, smoke on the horizon.  
You are only coming through in waves.  
Your lips move but I can't hear what you're saying.  
When I was a child  
I caught a fleeting glimpse  
Out of the corner of my eye.  
I turned to look but it was gone  
I cannot put my finger on it now  
The child is grown,  
The dream is gone.  
I have become comfortably numb.

### **The Show Must Go On (Waters) 1:36**

Ooooh, Ma, Oooh Pa  
Must the show go on?  
Ooooh, Pa. Take me home  
Ooooh, Ma. Let me go

There must be some mistake  
I didnt mean to let them  
Take away my soul.  
Am I too old, is it too late?

Ooooh, Ma, Ooooh Pa,  
Where has the feeling gone?  
Ooooh, Ma, Ooooh Pa,  
Will I remember the songs?  
The show must go on.

### **In The Flesh (Waters) 1:36**

So ya  
Thought ya  
Might like to  
Go to the show.  
To feel that warm thrill of confusion,  
That space cadet glow.  
I've got some bad news for you sunshine,  
Pink isn't well, he stayed back at the hotel  
And they sent us along as a surrogate band  
We're gonna find out where you folks really stand.

Are there any queers in the theater tonight?  
Get them up against the wall!  
There's one in the spotlight, he don't look right to me,  
Get him up against the wall!  
That one looks Jewish!  
And that one's a coon!  
Who let all of this riff-raff into the room?  
There's one smoking a joint,  
And another with spots!  
If I had my way,  
I'd have all of you shot!

**Run Like Hell (Gilmour, Waters) 4:22**

"Pink Floyd, Pink Floyd"

Run, Run, Run, Run, Run, Run, Run, Run,  
Run, Run, Run, Run, Run, Run, Run, Run.  
You better make your face up in  
Your favorite disguise.  
With your button down lips and your  
Roller blind eyes.  
With your empty smile  
And your hungry heart.  
Feel the bile rising from your guilty past.  
With your nerves in tatters  
When the cockleshell shatters  
And the hammers batter  
Down the door.  
You'd better run.

Run, Run, Run, Run, Run, Run, Run, Run,  
Run, Run, Run, Run, Run, Run, Run, Run.  
You better run all day  
And run all night.  
Keep your dirty feelings  
Deep inside.  
And if you're taking your girlfriend  
Out tonight  
You'd better park the car  
Well out of sight.  
Cause if they catch you in the back seat  
Trying to pick her locks,  
They're gonna send you back to mother  
In a cardboard box.  
You better run.

"Hey, open up! HaHaHaHaHaaaaaaaaa!  
[sound of car skidding, followed by loud scream]  
"Hammer, Hammer"

### **Waiting for the Worms (Waters) 3:56**

"Eins, zwei, drei, alle!"

Ooooh, you cannot reach me now  
Ooooh, no matter how you try  
Goodbye, cruel world, it's over  
Walk on by.

Sitting in a bunker here behind my wall  
Waiting for the worms to come.  
In perfect isolation here behind my wall  
Waiting for the worms to come.

We're {waiting to succeed} and going to convene outside Brixton  
Town Hall where we're going to be...

Waiting to cut out the deadwood.  
Waiting to clean up the city.  
Waiting to follow the worms.  
Waiting to put on a black shirt.  
Waiting to weed out the weaklings.  
Waiting to smash in their windows  
And kick in their doors.  
Waiting for the final solution  
To strengthen the strain.  
Waiting to follow the worms.  
Waiting to turn on the showers  
And fire the ovens.  
Waiting for the queens and the coons  
and the reds and the jews.  
Waiting to follow the worms.

Would you like to see Britannia  
Rule again, my friend?  
All you have to do is follow the worms.  
Would you like to send our colored cousins  
Home again, my friend?

All you need to do is follow the worms.

The Worms will convene outside Brixton Bus Station. We'll be moving along at about 12 o'clock down Stockwell Road {.... ..} {Abbot's Road } {....} twelve minutes to three we'll be moving along Lambeth Road towards Vauxhall Bridge. Now when we get to the other side of Vauxhall Bridge we're in Westminster {Borough } area. It's quite possible we may encounter some {....} by the way we go. {... ..}."

### **Stop (Waters) :34**

Stop!  
I wanna go home  
Take off this uniform  
And leave the show.  
But I'm waiting in this cell  
Because I have to know.  
Have I been guilty all this time?

### **The Trial (Waters, Bob Ezrin) 5:16**

Good morning, Worm your honor.  
The crown will plainly show  
The prisoner who now stands before you  
Was caught red-handed showing feelings  
Showing feelings of an almost human nature;  
This will not do.  
Call the schoolmaster!

I always said he'd come to no good  
In the end your honor.  
If they'd let me have my way I could  
Have flayed him into shape.  
But my hands were tied,  
The bleeding hearts and artists  
Let him get away with murder.  
Let me hammer him today?

Crazy,  
Toys in the attic I am crazy,  
Truly gone fishing.

They must have taken my marbles away.  
Crazy, toys in the attic he is crazy.

You little shit you're in it now,  
I hope they throw away the key.  
You should have talked to me more often  
Than you did, but no! You had to go  
Your own way, have you broken any  
Homes up lately?  
Just five minutes, Worm your honor,  
Him and Me, alone.

Baaaaaaaaaabe!  
Come to mother baby, let me hold you  
In my arms.  
M'lud I never wanted him to  
Get in any trouble.  
Why'd he ever have to leave me?  
Worm, your honor, let me take him home.

Crazy,  
Over the rainbow, I am crazy,  
Bars in the window.  
There must have been a door there in the wall  
When I came in.  
Crazy, over the rainbow, he is crazy.

The evidence before the court is  
Incontrivertable, there's no need for  
The jury to retire.  
In all my years of judging  
I have never heard before  
Of someone more deserving  
Of the full penaltie of law.  
The way you made them suffer,  
Your exquisite wife and mother,  
Fills me with the urge to defecate!

"Hey Judge! Shit on him!"

Since, my friend, you have revealed your  
Deepest fear,  
I sentence you to be exposed before  
Your peers.  
Tear down the wall!

### **Outside the Wall (Waters) 1:42**

All alone, or in two's,  
The ones who really love you

Walk up and down outside the wall.  
Some hand in hand  
And some gathered together in bands.  
The bleeding hearts and artists  
Make their stand.

And when they've given you their all  
Some stagger and fall, after all it's not easy  
Banging your heart against some mad bugger's wall.

"Isn't this where...."